



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

KAUANE ADRIELLY DO NASCIMENTO SILVA

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR: PERCEPÇÕES DE
MENINOS E MENINAS SOBRE O QUE É “SER HOMEM” E “SER MULHER” NO
TEMPO PRESENTE

Recife

2025

KAUANE ADRIELLY DO NASCIMENTO SILVA

**REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR: PERCEPÇÕES DE
MENINOS E MENINAS SOBRE O QUE É “SER HOMEM” E “SER MULHER” NO
TEMPO PRESENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura
em História como requisito para obtenção do título de Licenciada em
História.

Orientadora: Juliana Alves de Andrade

Recife, 2025

Resumo: O artigo em questão apresenta resultados de uma pesquisa exploratória, realizada com alunos e alunas do 8º ano de uma escola da rede pública de ensino da zona da Mata de Pernambuco, sobre as representações de gênero no espaço escolar. O estudo teve como objetivo compreender como os estudantes produzem e reproduzem ideias sobre o que significa “ser homem” e “ser mulher” no ambiente escolar. A investigação buscou analisar de que forma essas representações influenciam no comportamento, na percepção e na relação entre colegas, evidenciando como a escola se configura como um espaço de construção e produção de papéis de gênero. A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma aplicação de um questionário que abrangia temas como julgamento entre pares, convivência no ambiente escolar e percepções sobre masculinidade e feminilidade, durante o período de novembro de 2025, numa escola situada no município de Vitória de Santo Antão, tendo como participantes 21 estudantes. Para tal, o estudo tomou como referência o conceito de gênero como construção social discutido pela autora Joan Scott e os pressupostos metodológicos da história cultural discutidos por Roger Chartier. Os resultados apontam a forte presença de estereótipos de gênero entre os estudantes, os canais de consumo dessas representações e a presença de representações menos estereotipadas. A partir da análise foi possível compreender que a discussão de gênero no âmbito escolar tem um papel importante, não apenas para desconstruir padrões, mas para historicizar a produção de subjetividades e promover uma educação inclusiva e consciente das diversidades.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Masculinidade, feminilidade, Educação

Abstract: This article presents the results of an exploratory study conducted with eighth-grade students from a public school in the Zona da Mata region of Pernambuco, Brazil, on gender representations in the school environment. The study aimed to understand how students produce and reproduce ideas about what it means to "be a man" and "be a woman" in the school setting. The investigation sought to analyze how these representations influence behavior, perception, and peer relationships, highlighting how the school is configured as a space for the construction and production of gender roles. The research was developed through the application of a questionnaire covering topics such as peer judgment, coexistence in the school environment, and perceptions of masculinity and femininity, during the month of November 2025, in a school located in the municipality of Vitória de Santo Antão, with 21 students participating. For this purpose, the study used as a reference the concept of gender as a social construct discussed by Joan Scott (1995) and the methodological assumptions of

cultural history discussed by Roger Chartier. The results indicate a strong presence of gender stereotypes among students, the channels through which these representations are consumed, and the presence of less stereotypical representations. The analysis revealed that the discussion of gender in schools plays an important role, not only in deconstructing patterns but also in historicizing the production of subjectivities and promoting an inclusive education that is aware of diversity.

Keywords: Gender, Sexuality, Masculinity, Femininity, Education

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR	3
3. DINÂMICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA HISTÓRICA	7
4. METODOLOGIA	11
5. MASCULINIDADES E FEMINILIDADES EM CONSTRUÇÃO: IDENTIDADES E PRÁTICAS NO ESPAÇO ESCOLAR PERNAMBUCANO	12
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	22
ANEXO I	24

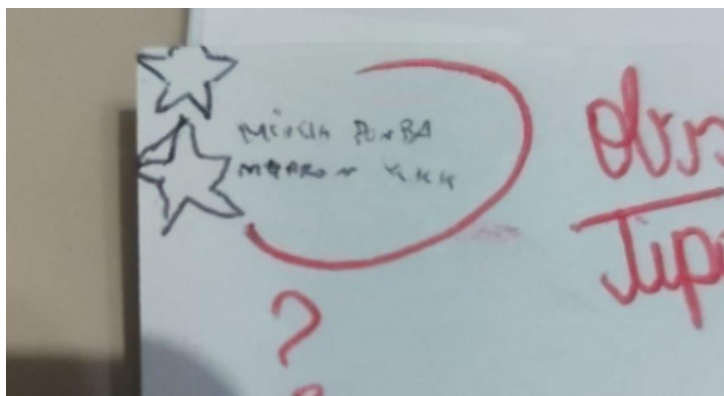
1. INTRODUÇÃO

Durante a realização do meu estágio supervisionado obrigatório III, numa escola municipal voltada para o Ensino Fundamental (Anos Finais), na cidade de Vitória de Santo Antão, localizada na Zona da Mata de Pernambuco, a cerca de 50 quilômetros do Recife, vivi uma experiência que me fez refletir acerca das questões de sexualidade e gênero em sala de aula, mas, notadamente, no contexto escolar. No dia 25 de Julho de 2024, numa terça-feira, fui encarregada pelo professor supervisor de aplicar uma atividade avaliativa para uma turma de oitavo ano, como forma de substituição da prova tradicional, devido ao calendário apertado pela semana de provas que estava se aproximando. A atividade abordava a revolução francesa e havia informado aos alunos sobre a avaliação e que necessitam estudar pois seria de grande importância.

A avaliação foi elaborada de forma a ser feita individualmente e com o auxílio do livro didático e anotações feitas no caderno. Ao iniciar a aplicação da atividade eu e o professor ficamos circulando na sala de aula, a fim de sanar dúvidas dos alunos e garantir a realização da ação pedagógica. Alguns minutos depois, discentes começaram a entregar a atividade, e como seria eu, a responsável por corrigir a avaliação, decidi me adiantar e dar uma olhada nas respostas para ter ideia do desempenho geral da turma.

Por um momento o docente supervisor precisou se ausentar da sala, e me deixou sozinha para continuar recebendo as atividades. Ao folhear as atividades que já me haviam sido entregues, notei algo peculiar, no canto superior esquerdo da folha, havia uma frase escrita de maneira extremamente minúscula, adornada com estrelas. Por um instante, pensei que se tratava de algo inofensivo já que o aluno havia decorado a frase, pensei que poderia ser alguma mensagem fofa para o professor supervisor. No entanto, ao me aproximar para ler o que estava escrito, fiquei surpreendida. O Aluno havia escrito: “Minha pomba marrom kkk”, conforme sinaliza a Imagem 1:

Imagem 1- Registro do comentário do Estudante A



Fonte: Autora, 2025

Após, fazer leitura da frase fiquei incrédula por alguns segundos, senti um misto de desconforto e indignação, já que aquela era uma clara manifestação de desrespeito, além de carregar consigo uma conotação sexualizada. Esperei o retorno do professor supervisor, para que ele também analisasse a situação. Quando o professor retornou a sala de aula, pedi para que ele lesse o que estava escrito. a princípio o professor não conseguiu decifrar o que estava escrito, após a minha leitura, ele não entendeu o significado da frase. Tive, então, que explicar o contexto e sentido da expressão, o que também o deixou abismado.

O professor então chamou o discente para confrontá-lo sobre o comentário, ao ser questionado, o aluno alegou não saber do que se tratava e que não lembrava de ter escrito aquilo. Ficou evidente para nós que o aluno havia feito o comentário acreditando que o professor, que tinha problemas na visão, corrigiria a atividade e não perceberia a frase. Esse comportamento, no entanto, não era novidade. Em conversa anteriores, o docente já havia alertado sobre o comportamento do aluno. o descrevendo como extremamente difícil de lidar. segundo o professor o mesmo era desinteressado nas aulas e frequentemente tratava com desrespeito não apenas ele, mas também outros colegas de turma. o que tornava a situação ainda mais delicada era o fato de que muitas vezes as brincadeiras com colegas e desrespeitos assumiram um tom sexualizado.

Essa atitude expôs um desrespeito intencional à figura do professor, aproveitando-se de sua vulnerabilidade. Além de afrontar o professor, e a mim, como estagiária, esse pequeno bilhete no canto da avaliação, chama atenção para as representações de gênero e as relações de poder. Na região nordeste o termo “pomba” possui um significado diferente, a palavra é especialmente utilizada em contextos informais para designar a virilidade e potência do órgão genital masculino. Trata-se de uma expressão coloquial, usada em contextos para expressar

uma ideia de masculinidade fundada nas noções tradicionais de virilidade, e como se pode notar já foi incorporada ao vocabulário infantil.

O caso envolvendo o aluno evidencia dinâmicas complexas de poder, envolvendo sexualidade e gênero no âmbito escolar. essas dinâmicas podem ser melhor compreendidas à luz da obra de Durval Muniz de Albuquerque Junior, *"Nordestino: Invenção do 'falo', uma história do gênero masculino (1920/1940)"* No livro o autor explora como a identidade masculina nordestina foi construída a partir de discursos científicos, populares e culturais, que atribuem ao homem características como a virilidade, força e a rudeza, alinhadas também a uma visão patriarcal.

O comportamento do aluno não deve ser visto apenas como uma brincadeira isolada, mas como um reflexo de uma sexualidade forjada por valores historicamente cristalizados. Esses valores incluem a sexualização do corpo masculino como símbolo de poder e dominação, além da desvalorização da figura feminina. A partir de Pierre Bourdieu, pode-se compreender que esse vocabulário opera como uma forma de poder simbólico, ao reforçar e naturalizar representações de virilidade e dominação masculina.

No ambiente escolar, expressões como “minha pomba”, “mostrar a pomba” ou “fulano não tem pomba” revelam como o corpo masculino é usado como um instrumento de prestígio e afirmação de masculinidade, perpetuando hierarquias de gênero que se apresentam como meras “brincadeiras inocentes”, mas que na verdade funcionam como mecanismos de reprodução simbólica do poder patriarcal.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo compreender como os estudantes constroem suas percepções sobre o gênero, masculinidade e feminilidade no ambiente escolar. Usando as referências de R.W Connell, Simone de Beauvoir e Durval Muniz de Albuquerque Jr, que discutem as construções sociais acerca do feminino e do masculino. Para tal, realizamos uma pesquisa exploratória em busca de identificar padrões, significados e compreensões iniciais presentes entre meninos e meninas, a partir do uso do questionário estruturado com perguntas objetivas e subjetivas voltadas para compreender suas experiências, valores e interpretações acerca da temática.

Logo, o trabalho está organizado em cinco partes. Na primeira parte, apresento um panorama acerca da produção acadêmica sobre gênero e sexualidade na escola, a partir de um levantamento na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (2020-2025). esse mapeamento permitiu identificar tendências e selecionar algumas teses e dissertações para análise. Na segunda parte, desenvolvo o referencial teórico com as autoras e autores como Joan Scott, Judith Butler, Guacira Louro, R.W Connell, Simone de Beauvoir, Pierre Bourdieu

e Georges Guarinello. A terceira parte é desenvolvida a metodologia da pesquisa, a quarta apresenta os resultados objetivos, organizados em gráficos e a quinta reúne as considerações finais do estudo.

2. GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR

O debate acerca de gênero e sexualidade no espaço escolar é um campo fundamental para compreender as identidades e as relações de poder que nascem e se reproduzem no âmbito escolar. A escola, enquanto instituição social e política é um espaço de produção de conhecimento, valores e comportamentos, é nela onde os discentes não apenas aprendem os conteúdos do currículo, mas também modos de se comportar e se relacionar.

O aumento da produção sobre a temática evidencia a importância que as discussões de gênero e sexualidade se apresentam na educação, principalmente para compreender as subjetividades e as dinâmicas de socialização entre os estudantes. para a produção do trabalho foi feito um levantamento utilizando a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). A busca foi realizada com o recorte temporal de 2020 a 2025, aplicando o descritor “Gênero e sexualidade no espaço escolar”. Como resultado preliminar, foram encontrados 431 trabalhos que discutem acerca da temática. Como critérios de inclusão, foram selecionadas pesquisas que abordaram diretamente as relações de gênero e sexualidade no contexto da educação básica, especialmente aquelas que analisavam práticas escolares, processos de socialização, representações de masculinidade e feminilidade, foram desconsiderados estudos que tratavam a temática apenas de maneira tangencial. Essa análise contribuiu para compreender as reflexões sobre práticas, comportamento e representações de gênero e sexualidade no âmbito escolar.

Dentre os trabalhos analisados, o de Marihen de Souza Nogueira me chamou atenção, com a dissertação intitulada “Tu é homem, não?” O que a juventude pensa sobre masculinidades e gênero” onde a autora evidencia a construção da masculinidade entre alunos do ensino médio como um processo culturalmente e socialmente mediado. A autora fez uma pesquisa em campo, que contou com a participação de jovens com idades entre 16 e 18 anos, cisgêneros¹ e heterossexuais. como resultado das rodas da conversa a Marihen percebeu que os meninos compreendem o ser homem com características físicas, sociais,

¹ No campo dos estudos de gênero, o termo cisgênero designa sujeitos cuja identidade de gênero corresponde às expectativas socialmente atribuídas ao sexo registrado no nascimento, diferenciando-se das identidades transgênero

comportamentais, pela força, virilidade e heterossexualidade. Nesse cenário foi observado que figuras masculinas como os pais e avós são suas referências culturais, além dos ídolos da geração que contribuem para a formação dessas concepções.

As rodas de conversa realizadas pela autora revelaram que a masculinidade não é aprendida apenas de forma automática, mas também é construída e negociada no dia a dia no ambiente escolar. Nas falas dos estudantes aparecem exemplos bem claros disso, como as brincadeiras e comportamentos que fogem um pouco do que se espera para esses jovens, mas que ainda assim são aceitos, até um certo ponto. Isso evidencia que as ideias sobre ser homem não são fixas, são sempre redefinidas entre eles.

Já em relação a sexualidade esses estudantes utilizaram termos pejorativos como “viado” ao se referir aos amigos, sem que isso causasse constrangimento entre eles, de uma forma naturalizada, revelando assim a presença da heteronormatividade como referencia para delimitar o que para eles é socialmente aceitavel ou não como sendo um comportamento considerado de homem. Dessa forma Marihen, demonstra que a escola é um espaço de contradições, onde as normas de gênero são tanto reproduzidas quanto questionadas, tornando assim um campo interessante para refletir sobre a formação da identidade masculina e as relações de gênero entre a juventude.

Sirlei Cleuza Costin (2022) em sua dissertação destaca o conceito de masculinidade hegemônica de trazido pela socióloga Raewyn Connell, de que seria o modelo mais socialmente mais valorizado de ser homem, o modelo que ocupa o topo da hierarquia. essa forma de sexualidade possui traços de virilidade, força, heterossexualidade e o dominio sobre o feminino. Segundo Costin esse ideal é constantemente reafirmado entre os jovens do ensino médio, que aprendem, dentro do contexto escolar, que estão inseridos a associar o “ser homem” com uma ideia de poder e autoridade. A mesma reafirma que esse modelo de masculinidade não é uma ideia individual mas é sustentada por instituições como a família, a escola e a mídia. e para tentar se encaixar os meninos rejeitam a vulnerabilidade e negam tudo que é associado ao que geralmente é mais associado ao gênero feminino.

Outro conceito que foi exemplificado na dissertação de Costin é acerca das chamadas masculinidades subordinadas. a autora evidencia que, dentro do ambiente escolar coexistem formas diferentes de ser homem e que nem todas correspondem ao padrão hegemônico de masculinidade. as subordinadas correspondem aos meninos que se distanciam desse padrão, por motivos de cor, comportamento ou orientação sexual. esse grupo que faz parte das masculinidades subordinadas são constantemente vítimas de piadas, rotulações e exclusões,

eles tem a suas identidades desvalorizadas porque não expressão força física, agressividade e a heterossexualidade exigida pelo grupo padrão.

Costin observou que os meninos costumam usar o termo masculinidade frágil para se referir a comportamentos que, de alguma maneira ameaçam o tradicional de masculinidade, como a utilização de brinco, se maquiar, cuidar da aparência ou até mesmo demonstrar sentimentos. para os garotos essas atitudes são vistas como sinais de fraqueza ou de uma aproximação com o universo feminino. A autora interpreta esse discurso como uma evidência de que os meninos vivem em constante vigilância social, e temem ser desqualificados pelos colegas.

A tese de William Assis da silva (2022) analisa a maneira em que o comportamento dos jovens na escola são influenciados pelas expectativas que são impostas ao gênero. o autor observou que há uma diferença de julgamento entre os meninos e meninas, ele traz o caso de dois alunos, Sarah e Gabriel, onde o garoto teria enviado mensagens no whatsapp insultando a menina com piadas, Sarah aborrecida com a situação na escola arremessa uma cadeira nele.

O caso trouxe bastante burburinho na escola, e foi a partir desse conflito que William evidencia que a reação das pessoas foi completamente influenciada pelas questões de gênero². a menina foi rotulada como “descontrolada” e o gabriel como “fraco” já que havia apanhado de uma menina, apesar da enxurrada de piadas e ter a sua masculinidade colocada a prova, o menino conseguiu contornar a situação fazendo piada sobre o acontecimento, e recebeu até elogios sobre como lidou com a situação. Já Sarah teve o seu comportamento colocado como inadequado para uma menina.

O autor utilizou da ideia da antropologia das emoções para explicar o caso acontecido na escola, a teoria diz que as emoções não são algo que naturalmente sentimos, mas algo que também pode ser aprendido na sociedade, ou seja, o modo de demonstrarmos raiva, alegria, tristeza depende muito também da cultura em que estamos inseridos. então desde cedo, meninos e meninas tendem a sentir, agir e aprender de maneiras diferentes. As meninas são ensinadas a reprimir seus sentimentos e agir com cautela e calma, já os meninos aprendem a expressar a sua raiva e agressividade.

O autor Antonio Jeferson Barreto Xavier (2023) em sua tese discute acerca do pertencimento religioso dos professores, que influenciam na produção de masculinidade no ambiente escolar, especialmente quando destinado a meninos gays e pessoas trans. o autor

² As questões de gênero referem-se aos debates e problemáticas relacionadas às construções sociais, históricas e culturais que organizam as identidades, papéis e expectativas atribuídas aos sujeitos a partir das diferenças sexuais. Trata-se de uma categoria que analisa como as normas e relações de poder são produzidas e reproduzidas em diferentes espaços sociais.

descreve que a escola atua com a “pedagogia do silêncio” e não traz o debate acerca de gênero e sexualidade, o que acaba reforçando os padrões de heteronormatividade e cisgeneridade, e exclui aqueles que não são pertencentes desse grupo. Xavier fala que os professores evangélicos e católicos, ditos moralmente conservadores, atuam como “pastores” dentro das escolas corrigindo comportamentos que fogem da masculinidade bíblica, que funciona como uma espécie de “ideal de homem” e que acaba disciplinando comportamentos.

O mesmo se debruça em Foucault, para explicar esse comportamento dos docentes como uma atualização do poder pastoral, onde eles se sentem responsáveis pela salvação desses alunos e de afastá-los de tudo aquilo tidos como afeminados e que os aproxima do inferno. Esse comportamento expressa uma tentativa de manter a masculinidade hegemônica e tratando as outras formas de masculinidades como desviantes. consequência disso é que os alunos passam a reprimir o seu comportamento para não serem identificados como parte da comunidade LGBTQIAPN+. O Autor narra casos em que esse professores agem, em um dos casos ele conta que um professor evangélico disse a um aluno gay que “o satanás estava manifestado nele” e outro caso em que um professor católico bolsonarista reprovou o único aluno gay da turma, o que o aluno interpretou como perseguição. Xavier fala que a docência ainda é marcada por uma visão moralizante e a escola em vez de acolher a diversidade reproduz desigualdades e violências de gênero e sexualidade.

3. DINÂMICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Para o debate de gênero e sexualidade, se faz necessário, definir os termos. Segundo, Joan Scott (1995) o termo “gênero” não se limita às diferenças biológicas entre homens e mulheres, deve ser compreendido como uma forma de entender como as relações sociais se organizam e como o poder é percebido entre os sexos. Para a autora, a construção do gênero é feita historicamente e culturalmente, e serve para definir os comportamentos, e os papéis que a sociedade atribui aos sexos. Ou seja, é resultado de interpretações e valores que a sociedade criou ao longo dos anos.

Para a pesquisadora Scott, o termo “genero” é uma alternativa para o uso do termo “sexo”, que está muito ligado a biologia. enquanto “sexo” esta ligado ao corpo, o genero é voltado para o modo como a sociedade intepreta as diferenças no corpo, atribuindo assim significados, comportamento e atribuições específicas. portanto, quando falamos em genero, não está se falando de algo imutavel, mas uma forma de dar significado as relações humanas.

A autora propõe dividir os gêneros em duas categorias, a primeira fala sobre o gênero ser um elemento construtivo das relações sociais baseada nas diferenças percebidas entre os sexos. ou seja, isso quer dizer que a relação entre pessoas do sexo oposto e pessoas do mesmo sexo é carregada de significados culturais sobre o que é feminino, e o que é masculino, o que influencia no comportamento, em valores, regras e oportunidades que cada indivíduo tem no corpo social. Já na segunda categoria, Scott fala que o gênero é uma forma primária de dar sentido às relações de poder, isso significa que o gênero é utilizado para estruturar e justificar as desigualdade, é utilizado de maneira simboliza para manter formas de dominação.

Scott explica que o gênero é formado por quatro partes que servem para ajudar a compreender como ele influencia a comunidade. A primeira parte são os símbolos culturais, como mitos e imagens que mostram o que esperar de homens e mulheres. a segunda são as regras sociais que ditam como cada indivíduo “deve” agir, a terceira é voltado para as instituições sociais, como a família, escola, trabalho, que é onde as ideias tomam forma, e a quarta é a identidade subjetiva, que serve para mostrar como cada indivíduo vivencia e reproduz essas normas no cotidiano.

Seguindo essa linha, Judith Butler aprofunda o debate acerca do gênero para entender como ele é efeito das normas sociais que regulam os corpos e os comportamentos. butler enfatiza que o gênero é produzido e reproduzido pelas práticas cotidianas, para ela não é sobre o que “somos” mas sim o que fazemos, é um processo performático onde são repetidos gestos até que se pareçam naturais, e é essa repetição que mantém as normas de gênero.

Butler, assim como Scott, entende que o gênero está ligado ao poder e a cultura, porém ela aprofunda a discussão ao falar do papel de como a sociedade regula o gênero e como se manifesta pelas ações feitas repetidamente (como a fala, gestos, roupas) o que ela chama de performidade. para a autora, o gênero funciona como uma regra que diz quem é reconhecido socialmente e quem não, são essas normas que definem o que é feminino e o que é masculino, normas essas que não só limitam os indivíduos mas também criam identidades.

Butler faz críticas a teoria de jacques lacan, que diz que as diferenças entre os gêneros vem de uma lei simbólica universal, que é algo imutável e inconsciente. butler discorda dessa ideia e argumenta que essas leis simbólicas também são sociais e históricas e que elas mudam conforme tempo e o contexto, não sendo elas eternas e assim passível de mudanças.

Ja quando falamos em sexualidade, Michel Foucault nos mostra que ela não é algo natural, mas sim uma construção social que surge a partir de discursos e relações de poder, e que ao longo do tempo moldou a forma com que as pessoas entendem o corpo, o prazer e o desejo. o filosofo mostra que, principalmente nas sociedades ocidentais o sexo era vigiado e

controlado e interpretado com base no cristianismo, então a sexualidade se tornou algo que precisava ser falado e regulamentado, não para libertar as pessoas mas sim para submeter a população as formas de poder.

Foi esse processo que fez da sexualidade um “dispositivo”³, como assim nomeia Foucault, ela se tornou um conjunto de normas, saberes e instituições (como a medicina, a igreja, a escola e a família) . O autor fala que o poder não age apenas reprimindo o sexo, mas criando discursos sobre ele e é a partir desses discursos que é definido o que é “normal” e o “anormal”. Assim a sexualidade é transformada em ferramenta política, uma forma de vigiar e normalizar comportamentos e transformar e moldar identidades além de exercer controle sobre a vida.

A autora, Guacira Lopes Louro (2008), dialoga diretamente com as ideias de Michel Foucault, ela explica que as pedagogias culturais são os espaços e práticas sociais que ensinam de forma sutil ou não, o que é ser homem e mulher, e que a família atuam moldados os comportamentos e desejos. Assim como o biopoder foucaultiano, as pedagogias culturais trazidas por Louro não apenas impõe regras mas produz normas e verdades sobre a sexualidade determinando o que é normal ou desviante da cultura. A autora observa que na contemporaneidade essas pedagogias se multiplicaram com a expansão da mídia e da internet, tornando o controle e a produção de subjetividades ainda mais sutis e semeado. ao mesmo tempo Louro fala acerca de como esse cenário abriu espaço para novas lutas culturais, como os movimento LGBTQIAPN+, que passam a disputar representações dentro desse mesmo meio, lutas essas que são formas de resistência que questionam as normas, as relações de poder.

Quando falamos em masculinidade, é importante pensarmos sobre a história da virilidade, já que a antecede e ajuda a entender os modelos de ser homem construídos pela sociedade e naturalizados ao longo do tempo. A obra História da Virilidade, organizada pelo historiador Georges Vigarello, mostra que a virilidade é entendida como força, dominação e poder, e ela foi inventada e reinventada de acordo com os costumes e cultura de tempos históricos diferentes.

Na Grécia antiga, um jovem aprendia a ser viril, ele só era considerado homem quando passava por ritos de iniciação que geralmente era mediado por homens mais velhos que o enviaram a ser forte. bravo, corajoso e respeitado. o corpo também deveria ter algumas

³ O dispositivo pode ser compreendido como um conjunto de discursos, instituições, normas, práticas, saberes, que se articulam historicamente para responder uma determinada urgência social. Ele não é apenas uma lei ou uma instituição isolada, mas uma rede que orienta comportamentos, define o que é considerado normal e influencia a forma como as pessoas pensam e agem.

peculiaridades, como o pelos e músculos, enquanto os que não possuíam tais atributos eram visto como “afeminados” e era visto com desprezo. Já na Roma antiga a ideia de virilidade mudou um pouco, a virilidade passou a se concretizar através das mulheres, quando aqueles homens passavam a se relacionar com elas, já esteticamente as marcas da virilidade era possuir barba e ter aparência de guerreiro.

Nos diferentes tempos históricos, as questões relacionadas a virilidade foram mudando, na idade média ser viril estava relacionado a coragem, já na modernidade o cenário muda um pouco, o ideal de “ser homem” se torna mais refinado, os reis e os nobres utilizavam roupas elegantes, perfume, anéis e um jeito mais delicado de agir. porém mesmo assim o sinal de poder masculino continuava no falo, aparecendo até em pinturas, de forma avantajada pois serviria para definir a autoridade do homem. e ao longo da história, o falo, sempre representou muito mais do que um órgão masculino. ele era utilizado como símbolo de força, poder e dominação, servindo para reforçar a superioridade dos homens nas relações sociais, políticas e culturais. Essa ideia criou uma masculinidade baseada na superioridade e na necessidade constante de se provar “ser homem”.

Quando falamos em masculinidades, é importante ressaltar que não estamos falando de algo único e natural, mas sim um conjunto de práticas, valores e comportamentos que são socialmente construídos, e é a partir dessa compreensão que a socióloga Raewyn Connell e o Professor James W. Messerschmidt, no artigo “Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito” aborda o modo como certas formas de ser homem se tornam dominantes e passam a ser ideais de masculinidade na sociedade. A masculinidade hegemônica não é a mais comum entre os homens, porém é a mais valorizada e aceita e que serve como referência para outras masculinidades.

O conceito de Connell teve grande influência em várias áreas do conhecimento, como o caso da educação, que foi utilizado para entender o comportamento dos meninos, o bullying e a resistência à autoridade no sistema escolar. na criminologia ajudou a compreender como virilidade e violência estavam associados, na mídia explorou como o corpo masculino é associado ao um símbolo de poder. Essas aplicações servem para nós mostrar que a masculinidade hegemônica se manifesta de forma ampla e sutil, influenciando as normas, valores e também instituições.

Outro autor que nós ajuda a compreender um pouco mais sobre masculinidades é Pierre Bourdieu, que entende que vivemos imersos em estruturas de ordem masculinas e que moldam inconscientemente o modo de agir, de pensar, de sentir. o autor faz uso do termo ordem androcêntrica que significa ver o mundo a partir do ponto de vista masculino, como se

essa visão fosse o padrão para tudo, e que está presente em diferentes instituições da sociedade, como escola, família, igreja e o Estado, e é por meio delas que a dominação masculina segue sendo reproduzida.

Um dos conceitos de maior importância de Bourdieu é a Violência simbólica, onde o autor fala que a dominação masculina é feita através dos valores, costumes e crenças que são vistas como naturais, ele aborda que as mulheres acabam aceitando normas e reproduzindo sem perceber, visto que cresceram dentro delas, e essa violência é sutil, porém poderosa.

Já o conceito de feminino e feminilidade, em Simone de Beauvoir, não é entendido como algo natural e biológico, mas como construção histórica, cultural e simbólica, produzida sempre em relação ao sexo masculino. Beauvoir mostra que a sociedade sempre ensinou que o homem é o sujeito principal e que a mulher ocupa o lugar do outro, que é definido por meio das necessidades e expectativas dos homens. Dessa forma, ser “feminina” acaba virando um conjunto de comportamentos esperados para uma mulher, como ser delicada, carinhosa, cuidadosa, paciente, como se isso formasse o que é ser mulher. Para a autora, isso não passa de um papel social que é criado para manter a mulher em uma posição de dependência e garantir que ela seja vista de forma secundária.

Desde pequena as meninas são ensinadas a serem “boas” e corretas”, aprendem a sentar de determinada maneira, a brincar com determinadas coisas e a se portar com calma e doçura. Com o passar do tempo aprendem também a limitar seus próprios desejos e sonhos, porque entendem que devem sempre agradecer. Para Beauvoir, isso mostra que a feminilidade é construída através da educação, família, igreja e mídia, e que todos esses meios servem para restringir a liberdade das mulheres, que crescem acreditando que suas escolhas são naturais quando desde a infância foram condicionadas a aquilo. Além disso a autora explica que a imagem do feminino é sustentada por mitos que foram criados ao longo da história, a mulher como santa, como pecadora, como musa inspiradora, como mãe perfeita, como fonte de tentação, mitos esses que alguns são opostos mas que servem para o mesmo objetivo que é manter a mulher em papéis que não foram escolhidos por ela.

Dessa forma, usamos os conceitos de gênero, sexualidade, masculinidade e feminilidade para compreender como as identidades são construídas socialmente e influenciam as relações no ambiente escolar. Esses referenciais ajudam a identificar como as normas e expectativas impostas a meninos e meninas moldam os seus comportamentos, percepções e desigualdades.

4. METODOLOGIA

Após o episódio ocorrido na Escola Municipal, em que o aluno utilizou o termo “pombo” para referir-se ao órgão genital masculino em uma avaliação, retornei a instituição com o objetivo de compreender de forma mais ampla como os estudantes significam o que é “ser homem” e “ser mulher”. Já que o caso me despertou para a pesquisa acerca de como as ideias de masculinidades e feminilidade são construídas e reforçadas no ambiente escolar, especialmente entre os adolescentes que estão em um processo de construção de sua própria identidade.

A partir dessa inquietação, foi realizada uma pesquisa exploratória com os alunos da turma do 8º ano, por meio de um questionário simples e anônimo, composto por perguntas que buscavam investigar o que eles consideravam comportamentos adequados e inadequados para meninos e meninas. A proposta visou identificar quais valores, estereótipos e normas de gênero circulam no cotidiano da escola, permitindo a partir daí compreender como esses alunos percebem e reproduzem as noções sociais sobre masculinidade e feminilidade.

Tomando como referência a Pesquisa exploratória, buscou-se compreender de uma maneira mais ampla como os estudantes atribuem sentidos às noções de feminilidade e masculinidade no âmbito escolar, analisando tanto as percepções declaradas quanto os valores presentes em suas respostas. Essa metodologia se mostrou fundamental pois ela abre espaço para que aspectos espontâneos, naturalizados e contraditórios se tornem visíveis.

Ao adotar esse tipo de pesquisa, foi possível capturar as peculiaridades das relações cotidianas entre os alunos e compreender como determinadas expectativas de gênero são produzidas e também identificar os critérios que orientam os julgamentos acerca de comportamentos considerados “adequados” e “inadequados”.

Para isso, construímos um instrumento de coleta de dados, que nomeamos de questionário, cuja estrutura está organizada em duas partes, com 14 questões. O questionário possui questões objetivas e subjetivas adaptadas à faixa etária, que aborda temáticas como a igualdade de tratamento na escola, estereótipos de gênero, exemplos de masculinidade e feminilidade, além de situação de crítica e julgamentos entre colegas. Durante a aplicação, que ocorreu no período de novembro de 2025, em formato presencial, os estudantes poderiam escolher mais de uma alternativa e também questões para expressar suas opiniões de forma livre. Participaram 21 alunos, com idades entre 13 a 15 anos, sendo 11 meninos, 9 meninas e um participante que preferiu não se identificar quanto ao gênero.

5. MASCULINIDADES E FEMINILIDADES EM CONSTRUÇÃO: IDENTIDADES E PRÁTICAS NO ESPAÇO ESCOLAR PERNAMBUCANO

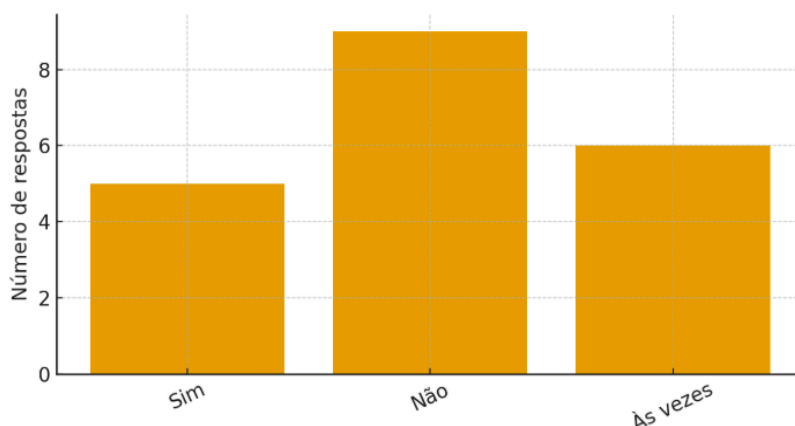
A pesquisa realizada com os Alunos teve como objetivo compreender como esses jovens percebem as relações de gênero e como constroem significados acerca do que é “ser homem” e “ser mulher” dentro do ambiente escolar. A partir das respostas obtidas é possível observar que as percepções e representações dos estudantes revelam como as ideias sobre masculinidade e feminilidade, ainda seguem sendo ligadas a papéis tradicionais, reforçando estereótipos.

Para analisar as representações, partimos da ideia de que toda representação é uma construção social, histórica e relacional, e não algo que simplesmente reproduz a realidade como ela é. Isso quer dizer que as representações não surgem sozinhas mas são criadas por pessoas, pelos grupos e pelo jeito como a sociedade entende o mundo. Como explica Chartier, essas ideias nascem das práticas e da maneira de viver de cada grupo, funcionam como um tipo de conhecimento comum, no sentido dado por Serge Moscovici, ajudando as pessoas a dar sentido ao mundo e orientar suas ações.

Como são constituídas nas relações sociais, as representações também envolvem disputas de poder, algumas visões acabam sendo vistas como “corretas” ou “naturais” porque determinados grupos conseguem fazer com que suas ideias se tornem mais fortes. Desta forma, é importante perguntar quando, como e por quem essas representações foram criadas e colocadas em circulação e para entender também o impacto que tem na escola e na forma como os estudantes percebem o mundo.

Logo, a primeira questão a ser explorada no estudo refere-se a percepção de como meninos e meninas são tratados da mesma forma na escola (Gráfico 1). Nas respostas, 5 alunos acreditam que são tratados da mesma forma na escola, enquanto 9 afirmaram que não, e outros 6 falaram que às vezes. Dentre as explicações oferecida pelas crianças é que “as meninas batem nos meninos e são tratadas como preferidas” ou “que os meninos podem fazer o que quiser já as meninas não” ou “que os meninos recebem um tratamento mais rígido” e “que os meninos podem entrar na escola de bermuda e as meninas não podem entrar com calças que são rasgadas”.

Gráfico 1- Tratamento igualitário na escola

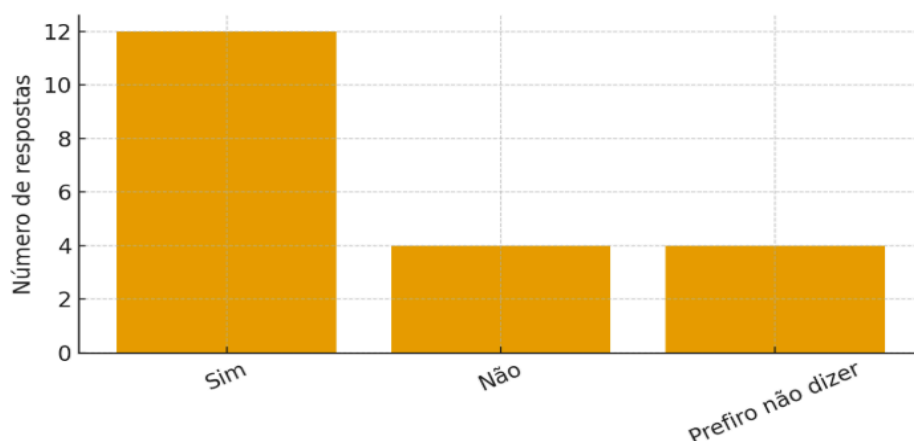


Fonte: Autora, 2025

Essas narrativas nos mostram que as percepções de igualdade de tratamento entre os meninos e as meninas são atravessadas por experiências cotidianas que nos mostra que as normas de gênero ainda muito presentes na escola. ao relatarmos diferenças nas regras, nas punições e também como os comportamentos são julgados entre os sexos. Os alunos mostram que a escola atua como um terreno onde as desigualdades são percebidas e vivenciadas. as falas dos alunos também indicam que os alunos conseguem identificar situações de privilégio, rigidez e maior tolerância a depender do gênero, mostrando que eles não só vivenciam essas distinções mas também interpretam e atribuem significados a elas.

Já quando questionados, se já haviam visto algum colega ser “zoadado” pelo seu jeito de ser (Gráfico 2), 12 responderam que sim, 4 disseram que não e 4 preferiram não dizer. Entre os relatos os alunos expuseram exemplos que aconteceram essas situações que “zoação”, foi relatado que um colega gay foi vítima de piadas na escola, que o aluno com obesidade foi ridicularizado, que o colega sofreu bullying porque estava com mal cheiro, outro porque o colega era muito quieto.

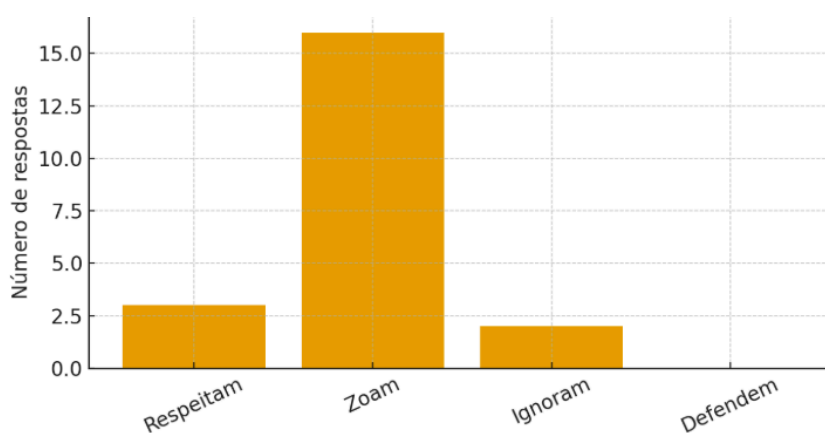
Gráfico 2- Críticas ao jeito de ser



Fonte: Autora, 2025

Em relação a forma como os meninos considerados mais sensíveis o que gosta de coisas vistas como “de menina” são tratadores (Gráfico 3), 16 afirmaram que os colegas costumam zoar, 3 falaram que respeitam e 2 que ignoram, porém nenhum respondeu a alternativa sobre defender. O fato de nenhum colega defender os mais sensíveis mostra como a masculinidade hegemônica orienta a relação entre os meninos. O silêncio diante das provocações pode revelar também o medo de serem ridicularizados e que defender seria arriscado, sendo assim acabam optando pela omissão.

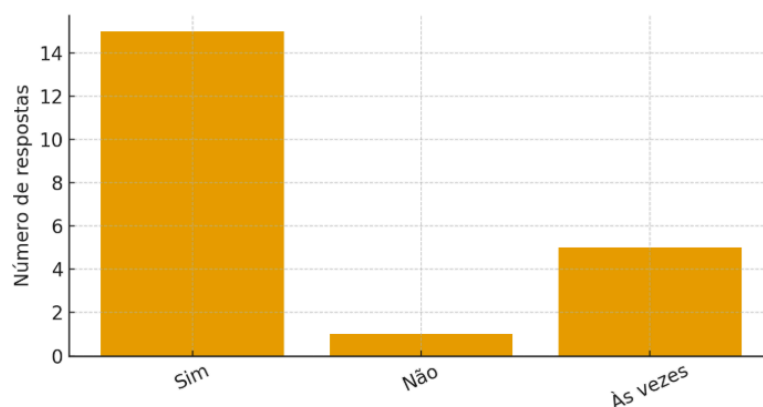
Gráfico 3- Como os meninos considerado sensíveis são tratados



Fonte: Autora, 2025.

No que se refere a aprendizagem de comportamento e hábitos. Quando perguntados se meninos e meninas aprendem a se comportar de formas diferentes (Gráfico 4), 15 responderam que sim, 1 disse que não e 5 afirmaram que às vezes. Isso indica que a maioria dos alunos reconhecem a existência da educação de gênero, na qual os comportamentos, atitudes e emoções são ensinados de forma distinta, evidenciando que desde cedo meninos e meninas percebem que há expectativas sociais diferentes para cada um deles, o que reforça desigualdades e estereótipos.

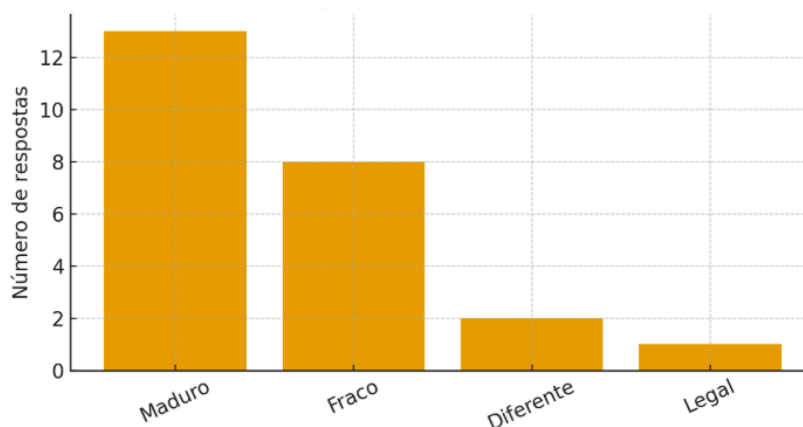
Gráfico 4- Meninos e meninas aprendem diferente



Fonte: Autora, 2025.

Quanto às questões sobre a percepção deles sobre como é visto um menino que prefere conversar a brigar (Gráfico 5), 13 disseram que maduro, 2 como diferente e 1 como legal. E em relação às meninas como a consideram após uma menina se impor e falar mais firme, 9 responderam que mandona, 7 como brava, 3 como corajosa e 7 falaram que depende. A partir dos resultados revelavam que ainda persistem padrões de gêneros distintos na forma como os meninos e meninas são vistos, apesar dos meninos serem vistos como maduros ainda há uma parcela que o consideram fraco, o que demonstra a associação a força física que continua presente.

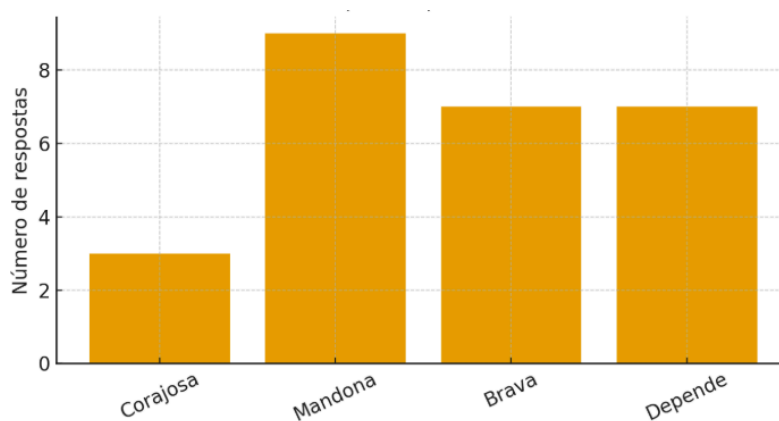
Gráfico 5- Como é visto o menino que prefere conversar a brigar



Fonte: Autora, 2025.

No caso das meninas os dados revelam que quando elas se impõem, ainda são enxergadas com as expectativas tradicionais de feminilidade pela maior parte dos alunos. Os termos “mandona” e “brava” aparecem com grande frequência, o que mostra que ainda se espera que as meninas sejam calmas e sempre educadas e quando demonstram segurança ou tentam ser liderança, o comportamento é visto como um exagero. Isso nos mostra que ainda existe uma dificuldade em reconhecer que as meninas podem ser decididas e ocuparem espaços sem serem julgadas. apesar de ter respostas como “corajosa”, que trazem uma visão mais positiva, ainda são poucas. Há sinais de mudanças mas a maioria convive com a ideia de ser “boa menina”.

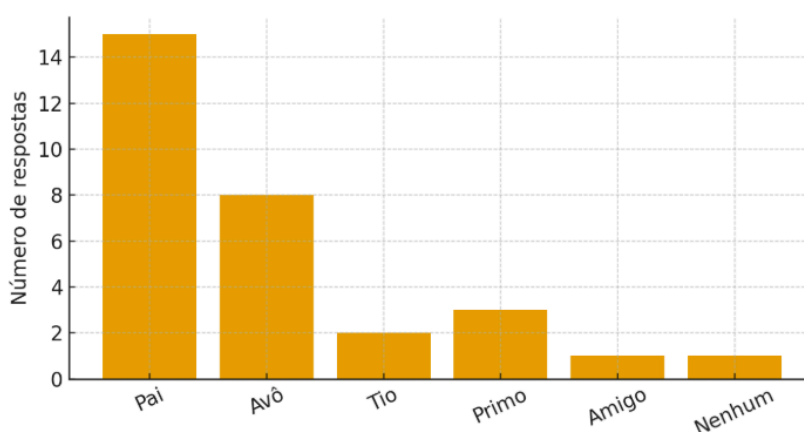
Gráfico 6- Como são vistas as meninas que se impõe



Fonte: Autora, 2025.

Os resultados mostram que as referências de masculinidades dos alunos estão fortemente ligadas ao ambiente familiar, especialmente a figura paterna, apontada como maioria sobre o maior exemplo de “ser homem” que tinham. Isso indica que a construção da identidade masculina é fortemente influenciada pelos modelos tradicionais que são transmitidos dentro da própria família, onde o pai, o avô representa os padrões de valores masculinos (Gráfico 7).

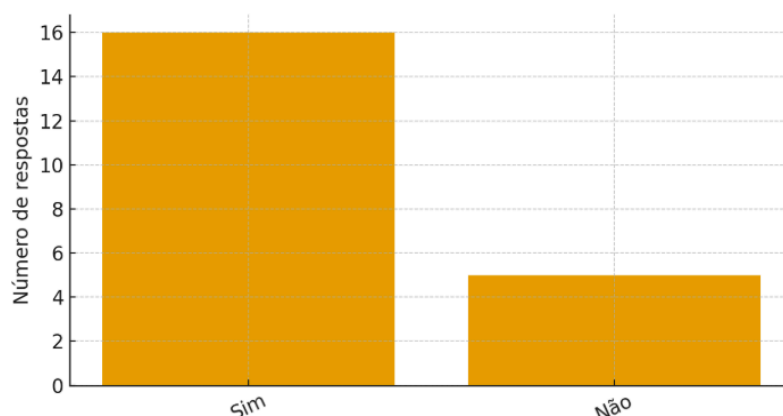
Gráfico 7- Maior exemplo acerca de “ser homem”



Fonte: Autora, 2025

Quando indagados se já haviam deixado de fazer algo na escola por medo de serem julgados (Gráfico 8), 16 declararam já terem deixado de fazer algo e 5 falaram que não. esse dado revela um aspecto importante acerca das normas de gênero, elas ainda exercem uma forte influência sobre o comportamento dos discentes, Isso evidencia que esses jovens sentem a necessidade de reprimir comportamentos e formas de se expressar para se encaixarem e não serem vistos como “diferentes”.

Gráfico 8- Se já deixaram de fazer algo pelo medo do julgamento



Fonte: Autora, 2025.

Nas respostas abertas, quando perguntados sobre “o que um menino não deve fazer” algo me chamou atenção, cerca de 90% das meninas mencionaram a violência de gênero, quase que por unanimidade, destacando que não deve bater, desrespeitar a mulher ou tratar mal, coisa que os meninos não tiveram a mesma percepção. Essa repetição das respostas das meninas mostra que o tema da violência contra as mulheres esta presente na percepção dessas meninas, o que indica uma consciencia mais critica acerca dos comportamento que historicamente ainda marcam as relações entre homens e mulheres.

Por outro lado, essa percepção não se mostrou tão presente entre os meninos, apenas um aluno falou acerca da violência de gênero, enquanto outros responderam que o homem pode fazer o que quiser, esse contraste evidencia a diferença significativa como cada grupo compreende e reproduz acerca da masculinidade.

Enquanto as meninas demonstram mais preocupação acerca das relações de respeito com as mulheres, os meninos tendem a se distanciar dessas reflexões, o que revela que essa discussão sobre a violência não atravessa os gêneros com a mesma intensidade. Há um desalinhamento no processo de conscientização, as meninas se mostram mais sensível às pautas de igualdade e respeito, enquanto meninos produzem uma lógica de masculinidade tradicional, que muitas vezes é marcada pela naturalização de comportamentos e também possuem dificuldade de identificar-se como indivíduo que possui um papel de privilégio na sociedade.

No questionário também havia uma questão perguntando acerca do que eles entendiam sobre “Ser homem” e “ser mulher”, apareceram respostas como “o homem deve proteger a

mulher e cuidar da família”, “ser homem é ser responsável, trabalhador e maduro”, “A mulher deve ser sábia, boa mãe e dona de casa”, “o homem é forte e a mulher é frágil”, “O homem pode fazer o que quiser, já a mulher não, cuida da casa” e os alunos fizeram até associações biológicas como “homem tem testículo e mulher tem útero” e um aluno em questão que desenhou um penis e uma vagina para diferenciar os gêneros, destacando os órgãos genitais para diferenciar homem e mulher.

Essas respostas abertas revelam a forma clara de como as representações de gênero ainda são fortemente ancoradas aos estereótipos as questões biológicas, ao associarem “ser homem” e “ser mulher” a funções específicas como o homem protetor, provedor do lar e a mulher cuidadora, sensível e responsável pelo lar e atribuída a maternidade, os discentes reproduzem discursos que reforçam a desigualdade entre os gêneros.

Em relação ao aluno que representou os sexos por meio de desenhos dos órgãos genitais indicam uma compreensão totalmente limitada acerca do conceito de gênero, reduzindo apenas a uma característica biológica. Isso evidencia que a escola é um espaço onde a feminilidade e masculinidade são confundidas e naturalizadas com ideias sobre corpo e sexo sem a menor reflexão acerca dos aspectos sociais e culturais que consistem na construção dessas identidades.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada na escola permitiu compreender de maneira direta, como esses jovens em formação estão construindo as suas percepções sobre as masculinidades e feminilidades dentro do contexto escolar.

Os resultados mostram que ainda existe uma forte presença de estereótipos tradicionais de gênero entre os alunos, especialmente quando se trata da Masculinidade. A representação masculina como forte, protetora e pouco sensível apareceu demasiadamente, enquanto outras características como a sensibilidade, delicadeza e o diálogo foram percebidas como motivo de desvalorização e ridicularização. As meninas, por outro lado, demonstram ter maior consciência das desigualdades que envolvem as relações de gênero, especialmente quando o assunto envolve violência e desrespeito, o que demonstra que essa temática mesmo na adolescência já atravessa as suas vivências e se torna uma preocupação cotidiana.

A pesquisa deixa claro que o ambiente escolar não é apenas um cenário de percepções de masculinidade e masculinidade, a escola é uma ferramenta ativa na construção delas. No cotidiano da escola, entre conversas, brincadeiras, julgamentos, disputas, elogios, críticas,

circulam comentários sobre o que “cabe” aos meninos e as meninas. muitas vezes isso acontece de forma sutil, quase que imperceptível, mas que produz efeitos reais, limita expressões, reforça comportamentos e em alguns casos chega a silenciar aqueles que não se encaixa nos padrões.

Ao mesmo tempo, A escola também tem potencial para romper esses modelos enraizados, Quando a escola abre espaço para o diálogo, quando as atividades feitas problematizam o preconceito, abordam respeito, empatia e diversidade, a escola se torna um ambiente capaz de questionar as certezas e ampliar horizontes. Trabalhar gênero de maneira contínua, e não apenas de forma isolada, é fundamental para que a escola deixe de produzir desigualdades e se torne um espaço de sujeitos conscientes, críticos e sensíveis às diferenças.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920-1940)**. Maceió: Edições Catavento, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2.ed. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013.

COSTIN, Sirlei Cleuza. **Vozes das masculinidades e sexualidade: narrativas de meninos do ensino médio em uma escola pública de Cuiabá-MT**. 2024. Disponível em: <https://ri.ufmt.br/handle/1/6517> Acesso em: 29/10/2025

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, v. 19, p. 17-23, 2008.

MENIN, Assis Felipe. As invenções e reinvenções da virilidade. **Revista Ártemis**, v. 23, n. 1, 2017.

NOGUEIRA, Marihen de Souza. **“Tu não é homem, não?”: o que a juventude pensa sobre masculinidades e gênero**. 2024. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/6707> Acesso em: 28/10/2025

RODRIGUES, Ana Paula Kravczuk; NIELSSON, Joice Graciele. Dispositivo da sexualidade em Michel Foucault: a história moldada pelo poder. In **VI Seminário internacional de direitos humanos e democracia**. 2019 Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/direitoshumanosedemocracia/article/view/10628> Acesso em: 04/11/2025

BEAUVOIR, S. O segundo Sexo: Fatos e Mitos. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade**. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99, 1995.

SILVA, William Assis da. **Pedagogias das masculinidades: perspectivas de gênero, sexualidade e emoções entre adolescentes estudantes do ensino médio**. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/14339> Acesso em: 31/10/2025

XAVIER, Antonio Jeferson Barreto. **"Ali é O Satanás Que Está Manifestado", "vira Homem, Tenta Ficar Com Uma Menina": Masculinidades, Docência E Pertencimento Religioso Na Cidade Sol**. 2023. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/URGS_00243929656260155e7e024bf79a62d3 Acesso em: 28/10/2025

ANEXO I

DIRETRIZES PARA SUBMISSÃO DO ARTIGO EM REVISTA

REVISTA IBERO-AMERICANA DE HUMANIDADES, CIÊNCIA E EDUCAÇÃO:

Formatação para avaliação dupla cega por pares:

7. O manuscrito deve ter o formato. DOCX, .DOC, nunca em PDF, conter entre 7 e 23 laudas. Tamanho da página: A4, margens esquerda e superior de 3,0 cm, direita e inferior de 2,0 cm, espaçamento entrelinhas simples, fonte Times New Roman ou arial, 12 pt. Recuo de 1a linha com 1,25cm, espaçamento entre linhas 1, 5. As notas de rodapé, quando houver, devem ser formatadas automaticamente, tamanho 10 pt. Citações e notas, fonte tamanho 10 pt. Títulos devem ser negritados com *Caps Lock* e subtítulos com *Caps Lock*.
8. O manuscrito deve conter as seguintes partes: a)título, b)resumo, acompanhado de no mínimo 3 e no máximo 5 palavras-chave, e suas c)traduções para inglês (no caso de artigos em inglês, colocar resumo em português também), d)corpo do artigo e)referências bibliográficas.
9. Os autores serão responsáveis pela revisão ortográfica e gramatical dos seus trabalhos.